

COMPRA

2002-10-09

J. 105 FH

Mariano Pina

O Espectro

CASTIGO SEMANAL DA POLITICA

De acetato de morphina, um grão
n'uma vasilha perde-se, ninguem o sente,
n'uma chavena dá o vomito, n'uma
colher mata — e aqui está o pamphleto!

P.-L. COURRIER.

N.º 3
Sabbado 17 de Maio

Paris, 1890



Preço 50 reis

Aviso

Pede-se aos Jornaes que se dignem fallar do **ESPECTRO** — assim em bem como em mal — e aos Leitores que queiram corresponder-se com o seu redactor — a fineza de enviarem jornaes e cartas a **Mariano Pina**, 27, rue d'Aumale, Paris.

Isto mesmo tambem levamos ao conhecimento dos srs. Agentes do ministerio publico, Policias civis, Guardas do Limoeiro e outros illustres Funcionarios, para que fiquem conhecendo o paradeiro do criminoso — quando a leitura d'estes pamphletos lhes causar comichões inquisitoriaes...

M. P.

O ESPECTRO

CASTIGO SEMANAL DA POLITICA

Diga-se a verdade: não hesitemos em
a dizer franca, sincera e toda!

Almeida Garrett, DA EDUCAÇÃO.

Previno caridosamente o Leitor de que este numero do **Espectro** não é de modo algum destinado a alegrar os corações portuguezes. Não é o momento de pôr as mãos nas ilhargas: é antes o momento de pôr as mãos na cabeça!

Vou-lhes contar a historia do desastre do emprestimo portuguez em Paris; e a razão por que o nosso credito se acha hoje totalmente abalado—se não perdido!—em França... graças aos erros, á cegueira, á saloia diplomacia do sr. Hintze Ribeiro.

Sim, meus amigos! É ao sr. conselheiro Hintze Ribeiro—mais do que a nenhum outro Ministro—que os portuguezes devem agradecer o desastre e o escandalo financeiro de Paris; Portugal desacreditado e enlameado na imprensa franceza pelos portadores dos titulos de Dom Miguel; e a perspectiva d'uma horrorosa crise economica—se o credito nos vem a faltar de todo em França!

Porque a crise politica, que resultou do *ultimatum* brutal de lord Salisbury é nada, comparada com os effeitos d'uma crise economica, resultante d'uma falta de credito nas praças estrangeiras.

Ao sr. Hintze Ribeiro cabe a maior somma de responsabilidades. E se amanhã houver um desmoronamento financeiro em Portugal; se amanhã o Estado—por falta de credito em França—se encontrar sem dinheiro para atulhar o abysmo dos seus compromissos—todos os portuguezes deverão deixar um bilhete de visita em casa do sr. Hintze, acompanhado d'estas simples quanto eloquentes palavras:

Ao Organizador do Desastre

Portugal agradecido.

E tambem lhes acõselho a que peçam á Camara municipal de Lisboa que mande collocar na frontaria do predio que S. Ex.^a habita na rua de S. Bento, n.º 694, uma lapide de marmore preto, onde se leia, gravado em letras d'ouro, o seguinte epitaphio:

ALTO AQUI!!!

N'ESTE PREDIO MORA

AQUELLE QUE EM 1890

DEIXOU IR O NOSSO CREDITO

PELA AGUA ABAIXO

EM PARIS.

Podem acreditar os portuguezes que não fazem mais do que a sua obrigação, e a Camara municipal de Lisboa que não faz mais que o seu dever.

Eu passo a explicar porquê...

* * *

Tambem previno caridosamente os srs. agentes do Ministerio publico, espalhados pelos reinos de Portugal e Algarves, ilhas e provincias ultramarinas, que não podem querellar do presente numero do **Espectro**—não só porque não contém palavras que offendam El-Rei ou os seus Ministros, mas ainda porque se não faz exposição de factos que não sejam a absoluta expressão da verdade.

Para metter em processo este numero do **Espectro** seria preciso que os agentes do alludido Ministerio publico vivessem, como eu vivo, em Paris:—capital da França; 2.500:000 habitantes; banhada pelo rio Sena; conhecida no tempo de Cesar pelo nome de *Lutecia*; conhecida no tempo de João Fernandes pelo nome de *Moderna Babylonia*; celebre pelos seus monumentos:—Notre-Dame, Louvre, Folies-Bergères, Montanhas Russas, Torre Eiffel ou a *Agulha do pensamento humano*, Galeria das Machinas ou a *Basilica do trabalho!*—Estes dois cognomes foram applicados com o grude da eloquencia á Torre Eiffel e á Galeria das Machinas, em Paris, no anno de 1889 da era de Christo, pelo sr. Pinheiro Chagas. Estes dois monumentos, graças ao estylo imaginoso do illustre orador portuguez, passam sem novidade em sua importante saude.

Para chamar aos tribunaes este numero do **Espectro**, só pessoas habitando Paris podiam servir de testemunhas de defesa e de accusação. Veja o Mi-

nisterio publico como este processo se tornava complicado e despendioso! Sobretudo despendioso. E como o governo está sem vintem—o melhor é lêr e cruzar os braços...

* * *

Tambem teria de citar como testemunhas o sr. Hintze Ribeiro e mais dois collegas seus. E como estas Excellencias se haviam de recusar a semelhante desassocêgo, o processo não poderia ter logar, e o Ministerio publico perderia o tempo e a paciencia.

Outros bandidos reclamam a preciosa attenção d'esse Ministerio. Deixem-me hoje em paz!

E passemos ao que nos importa.

Ora ficae sabendo, portuguezes meus irmãos, que a responsabilidade da crise financeira que estamos atravessando e cujos effeitos são ainda incalculaveis;—que o desastre do emprestimo de Paris;—que o risco que está correndo o nosso credito no estrangeiro;—e que a influencia que hoje exercem sobre a imprensa franceza os especuladores dos titulos de Dom Miguel—tudo isto, toda esta tempestade que ameaça Paiz e Monarchia, se deve em grande parte ao estadista indigena, sr. Hintze Ribeiro! (Ernesto Rodolpho.)

Quando lord Salisbury enviou o seu insolente *ultimatum* ao gabinete progressista e os portuguezes se manifestaram tão nobremente contra a Inglaterra, toda a imprensa franceza estava do lado de Portugal contra a Grã-Bretanha. Toda a im-

prensa franceza estava disposta a facilitar a acção diplomatica do novo gabinete, presidido pelo sr. Serpa.

N'este sentido, representantes de differentes jornaes parisienses correram á Legação de Portugal em Paris, pedindo esclarecimentos ácerca da questão colonial e do conflicto, pedindo elementos para a campanha contra a Inglaterra. Todos os jornaes estavam promptos a entrar n'um accordo com o gabinete *regenerador*, a fazerem causa commum com elle, como se a causa fosse franceza, só pelo prazer de fazerem pirraça á Grã-Bretanha...

São velhas as antipathias entre os dois paizes. N'esse mez de janeiro de 90—de triste memoria para nós—representava-se em Paris a *Jeanne d'Arc*. E o grito patriotico de Sarah Bernhardt, de — *Guerra aos inglezes! guerra aos invasores!*—trazendo excitado o patriotismo francez, fazia recahir sobre Portugal, n'esse momento victima da Inglaterra, as sympathias de toda a sociedade parisiense.

Não me deixará mentir o illustre explorador Brito Capello, então de passagem para a conferencia de Bruxellas, e com quem passei tres dias—tres dias angustiosos!—procurando por toda a parte telegrammas ácerca do *ultimatum* e da crise politica que se lhe seguiu.

*
*
*

Tinhamos pois do nosso lado, *em janeiro de 90*, toda a imprensa parisiense, que havia defendido a politica do sr. Barros Gomes, preparando-se agora para facilitar a obra diplomatica do sr. Hintze.

Mas a Legação portugueza de Paris estava sem chefe. E o Encarregado de Negocios evitava caute-

losamente tomar qualquer attitudo com os jornalistas francezes — naturalmente porque não tinha para esse fim instrucções especiaes do novo Ministro dos Estrangeiros.

E não as podia ter!... O sr. Hintze Ribeiro occupava todos os seus instantes em supplicar ao sr. Barjona de Freitas que partisse para Londres. E da imprensa franceza e europeia — isto é, **da opinião publica de toda a Europa** — o sr. Hintze não fazia o menor caso, por duas excellentes razões:

1.^a Porque desde o momento que o seu antecessor, o sr. Barros Gomes, na lucta colonial com a Inglaterra, tinha procurado ter do lado de Portugal a imprensa europeia, — o sr. Hintze, *regenerador*, julgou do seu dever *partidario* fazer, em tudo e por tudo, exactamente o contrario do que havia feito o Ministro *progressista*!...

2.^a Porque o sr. Hintze, ignorando absolutamente qual a influencia que uma imprensa como a ingleza, a franceza, a allemã, exerce no respectivo paiz — não tratou de ter do seu lado os jornaes francezes, considerando-os como elementos de collaboração diplomatica, mais que secundarios.

O sr. Hintze procede assim — perigosamente para o Paiz — por um simples erro de visão. Diz lá com a sua sobrecasaca de ferro:

— «O *Temps* ha de ser pouco mais ou menos em Paris como a *Gazeta de Portugal* em Lisboa. O *Petit Journal* ha de ter tanta influencia no publico como o *Diario Illustrado*. Ora não vale a pena estar dando demasiada importancia a jornaes que afinal a não teem... (*Pensativo*) Foi por essas e outras que o Barros Gomes deu com os burrinhos n'agua... (*Tomando uma attitudo heroica*) Eu cá, bem sei como hei de ter ás minhas ordens a Europa inteira!»

É o que se está vendo! Mas o peor da passagem é que é o Paiz quem ha de soffrer, e o Povo quem ha de pagar!...

* * *

Fêl-o por mal, por falta de patriotismo?... De certo que não! O sr. Hintze (apesar do seu nome não cheirar muito bem a sangue portuguez) é tão patriota como outro qualquer. Sómente — é profundamente ignorante e profundamente inhabil para estar á testa do nosso Ministerio dos Negocios Estrangeiros, n'um momento tão grave e tão doloroso como este é.

Estamos á beira d'um precipicio — a **Bancarrota** — e o governo não quer dar por isso, continuando a dançar o seu fandanguinho partidario! Estamos hoje n'um começo de ruina, em muitos pontos identico ao que se seguiu á morte de Dom João III, quando Dom Sebastião herdou o throno, e Carlos V cubicava o reino de Portugal. Hoje Carlos V é substituido por Sua Graciosa Magestade a Rainha Victoria, que nos cubica as colonias!

— «Todo o reino — escreve o sr. Oliveira Martins na sua *Historia de Portugal*, ao tratar da «Jornada d'Africa» — soffria dos symptomas d'essa doença, e muitos previam a crise final que se approximava; entretanto, quasi todos, costumados a um padecer chronico, nascidos já na atmospherá pervertida, ou não reconheciam os males, ou se deixavam levar, indolentemente, pela maré da desgraça e da protervia, do beaterio e do vicio, da simonia e da ferocidade piedosa.»

Tal é o quadro em pleno seculo XVI, tendo por tragico epilogo a batalha de 4 d'agosto de 1578, em Alcacer-quivir...

Por acaso em 1890, victimas não d'uma Inquisição, mas dos erros diplomaticos, coloniaes e financeiros das ultimas gerações de governantes, tambem havemos de nos deixar levar, *indolentemente*, *pela maré da desgraça e da protervia?*...

Que medonho suicidio é este para que vamos caminhando, *indolentemente*, sem nenhuma comprehensão nem do que vêmos nem do que fazemos?...

Estamos cegos—ou estamos doidos?!...

* * *

Para o sr. Hintze Ribeiro, o Ministerio dos Estrangeiros agora, quando tudo está a abalar, a estalar, a desfazer-se, consiste em serenar os animos nos corredores de S. Bento e á porta da *Havaneza*; em dotar a côrte de Vienna com os primores litterarios e diplomaticos do sr. conde de Valenças; em fazer do sr. visconde de Faria, vulgarissimo burocrata, sem auctoridade, sem talento, sem serviços relevantes ao seu paiz, um fiscal de consulados na Europa, tendo 30 ou 50 mil francos de ordenado por anno; em vêr se alcança as sympathias dos burguezes da rua dos Capellistas, a confiança dos influentes eleitoraes famintos, e palavras de conforto dos diplomatas estrangeiros que bocejam á beira do Tejo...

E como S. Ex.^a não tem a menor noção nem faz a mais leve ideia do que seja a Europa e a sua imprensa; de que elementos tão varios, tão complicados, tão mysteriosos é preciso dispôr para alimentar o fogo sagrado em nosso favor, n'uma capital tão caprichosa e tão impressionavel como é Paris—succede que vamos correndo desordenadamen-

te para um Alcacer-quibir financeiro, cujas consequências terriveis ninguem pôde prevêr!

É preciso acudir-lhe a tempo: é preciso salvarmos quanto antes da catastrophe: é preciso que o gabinete do sr. Serpa pratique o mesmo acto de desinteresse e de patriotismo que em janeiro de 90, em seguida ao *ultimatum*, praticou o gabinete do sr. José Luciano de Castro.

O *ultimatum* de lord Salisbury foi um insulto ao nosso amor-proprio nacional. Mas o desastre de Paris, obra do sr. Hintze, foi um coice no credito portuguez...

É preciso que o actual gabinete dê a sua demissão—aliás temos breve a Bancarrota!...

*
* *
*

Ora a partir do dia 12 de janeiro de 90 a imprensa de Paris começou a estar ao desamparo; e o sr. Hintze sem querer dar-se ao incommodo de vêr que no dia em que lhe faltasse Paris, lhe faltava—não digo apoio *diplomatico* para lutar com a Inglaterra—mas apoio *financeiro* para o gabinete poder realisar quaesquer emprehendimentos e reformas em Portugal e em Africa.

E na Legação de Paris—ninguem! O sr. conde de Valbom achava-se em Lisboa, onde havia dado a sua demissão. O sr. conselheiro d'Antas conservava-se em Londres, esperando pela chegada do novo Messias, mais portuguezmente conhecido pelo nome do sr. Barjona de Freitas...

E o Messias não chegava para confundir com o seu vérbo o arrogante Salisbury;—o Messias nem ainda mesmo se havia posto a caminho.

Entre assustar lord Salisbury com argumentos

ou assustar o governo com eleições — o sr. Barjona hesitava! O sr. Hintze, em nome do Paiz, implorava-lhe que fosse assustar o *lord*. O sr. Fuschini, em nome da *esquerda dynastica*, implorava-lhe que ficasse, para assustar o Ministerio.

A Historia mostrou-nos depois que foi mais eloquente o sr. Hintze do que o sr. Fuschini, sabendo vencer a resistencia d'aquelle animo alheio — como se diz em Rhetorica — animo alheio a aventuras diplomaticas!

* * *

Começaram então a circular em Paris falsos boatos, *vindos de Londres*, de que as auctoridades portuguezas em Africa desobedeciam ás ordens do governo, e que o gabinete *regenerador* nem tinha força para os reprimir nem elementos para inspirar confiança ao paiz. E os jornaes de Paris iam reproduzindo, commentando, ao acaso, sem o mais ligeiro esclarecimento ou desmentido official, ou semi-official.

Começou-se a dizer cá por fóra que o sr. Dom Carlos e o seu governo estavam dispostos a suffocar as manifestações patrioticas e a humilhar-se diante da Inglaterra, contra a vontade da nação portugueza. E os jornaes de Paris iam reproduzindo e commentando...

Começou-se a fallar cá por fóra em crise politica, em luctas do governo com todos os partidos existentes, em politica á Charles x, em crise economica, em repressões e perseguições. E os jornaes de Paris iam reproduzindo e commentando, ao acaso, todos estes boatos, *vindos em grande parte de Londres*, sem que o governo pensasse um instante em evitar esta corrente de descredito...

* * *

Ora n'este momento, isto é, na primeira quinzena de fevereiro de 1890, o governo portuguez e em especial o sr. Hintze Ribeiro foram caridosamente prevenidos das difficuldades e perigos que podiam advir para o Estado, do abandono a que estava entregue a imprensa franceza. Foram caridosamente prevenidos de que a imprensa franceza estava sendo minada por especuladores politicos e financeiros (*estrangeiros* e não *portuguezes*) para lançarem o descredito sobre Portugal; de que a imprensa franceza estava sendo de novo minada pelos portadores de titulos de Dom Miguel; e que se o gabinete não tomasse uma resolução urgente, sem perda d'um instante (e n'essa occasião á custa de pequenos sacrificios), o governo veria muito breve voltada contra o Estado a imprensa de Paris.

Com semelhante attitudo da imprensa quem perdia era Portugal. Era pois um acto não só de boa politica monarchica, mas de patriotismo, defender-se o governo por todos os modos no estrangeiro, tanto mais que tinha de ir recorrer aos capitaes francezes para o emprestimo que tencionava contratar com a casa Ephrussi.

* * *

Mais foi dito ao governo, e em especial ao sr. Hintze — que não era prudente contar apenas em Paris com o apoio do *Moniteur*, do *Soleil* e do *Gaulois*, jornaes *orleanistas*, jornaes de opposição á Republica, por consequencia em desaccordo e em guerra com a maioria da opinião em França. Que

diria o leitor se, para lançar um empréstimo na praça de Lisboa, uma empresa estrangeira se lembrasse de sollicitar apenas o apoio da *Nação*?...

Mais foi dito — que era preciso que o governo tratasse de obter a cooperação dos mais importantes jornaes republicanos; e que se não fiasse na errada lenda que ha em Portugal de que o *Figaro* é um jornal que só jura pelo principio monarchico, pois que o *Figaro* não hesita em dar para baixo nos governos monarchicos, quando elles praticam erros. Isto mesmo foi depois confirmado pelo artigo do sr. Jacques Saint-Cère, illustre redactor da politica externa no *Figaro*, quando tão duramente para o governo e para o Rei analysou as famosas ordenanças de 8 de abril findo.

E o que fazia o governo, o que fazia o sr. Hintze, em *fevereiro*, quando era tão bem e tão caridosamente informado ácerca d'esta melindrosa e perigosa situação?...

Não ligava a mais leve importancia aos esclarecimentos que lhe eram fornecidos — para só dar ouvidos á onda tumultuosa dos influentes e corrilhos eleitoraes que chegavam de todos os cantos da provincia, — onda que todas as tardes invadia o palacio do Calhariz, enchendo os magestosos salões de fumaradas de cigarro bréjeiro!...

O sr. Hintze, isto é, o nosso Ministro dos Negocios Estrangeiros, no momento em que Portugal se estava debatendo n'uma crise diplomatica — só pensava, só cuidava em eleições! Que ninguem lhe chamasse a attenção para além das fronteiras — para o que se estava tramando contra nós, contra o nosso credito, em Paris!...

O Ministro dos Estrangeiros só queria saber se Mangualde estava certo, ou se em Mangualde a

lucta seria renhida; só queria saber se Carrazeda d'Anciães, Panoias de Cima, Albergaria das Cabras e outras capitaes e centros diplomaticos d'esta força davam ou não davam o seu apoio ao governo...

— «E que resolve Vossa Excellencia ácerca da imprensa de Paris?...»

— «Que massada! que massadores!... Que a imprensa franceza faça o que quizer!... (*Voltando-se para um Influyente*) Ó conselheiro! Que novas me dá *Vóssencia* de Covas de Barroso?...»

Ao que o Influyente respondeu com ar severo e profundo:

— «Saberá *Vóssencia* que Covas de Barroso continúa fiel ao partido...»

E assim dormia, ignorante e descuidoso, o Ministro dos Estrangeiros!...

* * *

Passou-se todo o mez de fevereiro. E segundo a velha tradição lisboeta e mandriona do *fica-para-amanhã*, — nada se fez!

Passou-se todo o mez de março. E nem o sr. Hintze nem o governo se importaram absolutamente nada de crear uma situação, de tomar posição na imprensa de Paris.

Em 8 de abril lançam os dictadores a famosa *lei das rolhas*, com todo o character de odiosa e feroz perseguição aos liberaes e ao partido republicano. E a imprensa franceza, recapitulando todos os actos dictatoriaes do actual governo, antes e depois das eleições de Lisboa, exclamou: — «Estão doidos!...»

A partir d'aquelle dia tinha o governo portuguez alienado as sympathias da imprensa republicana, a

começar pelo *Temps*, órgão da alta burguezia franceza, — e pelo *Petit Journal*, o órgão do povo, da *petite épargne*, que costuma concorrer a todas as operações financeiras que o *Petit Journal* lhe aconselha.

E logo a seguir á publicação dos tristes decretos que tão má impressão causaram em França; quando já o governo tinha contra si toda a imprensa parisiense; quando nem o sr. Hintze nem o governo quizeram dar ouvidos a quem *em fevereiro* os havia prevenido generosamente do perigo; — o governo portuguez resolve pedir aos habitantes de Paris que lhe emprestem 9:000 contos para obras públicas!...

Nunca ninguém caminhou com tanta leviandade, com tanta cegueira — ou com tanta estupidez — para uma tão inevitavel derrota!...

E são estes senhores, com semelhantes processos e elementos de governo, e semelhante comprehensão da crise diplomatica e economica que o nosso pobre paiz está atravessando, — são estes senhores que se arvoram em dictadores e salvadores da Monarchia, violando a constituição, algemando a imprensa, supprimindo a liberdade de associação e de reunião, transformando a lei eleitoral, dissolvendo a Camara de Lisboa, — são estes senhores que exigem de nós, jornalistas, admiração, veneração e respeito para as suas pessoas e para os seus actos!...

Como pessoas — tirante talvez o sr. Arouca, o monoculo da situação — nenhum d'elles é capaz de seduzir uma bailarina de S. Carlos! Como actos, como obras, como ideias, que diabo de actos, obras ou ideias teem posto em pratica os dictadores?...

Crearam o Ministerio da Instrucção publica e Bellas-Artes. Perfeitamente d'accordo. E a quem

foi confiado esse Ministerio?... Ao sr. Oliveira Martins?... Ao dr. Bernardino Machado?... Ao dr. Theophilo Braga?... Ou a algum outro portuguez que tenha passado annos e annos no seu gabinete estudando o modo moderno e pratico de transformar a nossa sebenta, pingona e tinhosa Instrucção publica?...

Qual historia! Foi esse Ministerio confiado e dado de presente ao sr. Arroyo, em premio dos disparates que teve a habilidade de accumular no Ministerio da Marinha.

De modo que Portugal, que já tinha uma escola de aprendizes de Estadista (o Ministerio da Marinha)—passou a ter duas, com o Ministerio da Instrucção publica.

Chegamos á ultima pobreza e degradação colonial, com o systema *fontista* de dar aos recrutas, aos mediocres ou aos inuteis, a pasta da Marinha...

Chegaremos em breve ao ultimo aviltamento e rebaixamento intellectual, inaugurando hoje o mesmo systema com a pasta da Instrucção!

*
* * *

Mas este estado de coisas ha de continuar assim, de peor para peor, sem uma revolta moral de todo o Paiz, sem uma revolta do bom-senso, da dignidade e do talento offendido?...

Onde estão os luctadores de ha dez e vinte annos?... Onde estão elles?! esses terriveis cavalleiros da Ironia, que ha dez e vinte annos, em livros, em pamphletos, em conferencias no Casino acordavam todo o Paiz e diziam aos rapazes, como eu, que entravamos então para as escolas:

— «Geração nova! Vae haver um renascimento

em toda a nação portugueza! Trabalhae, estudae, prepara-e-vos para a lucta e para a *vida nova*, emquanto nós vamos demolir! O futuro pertence-vos!...»

E o que é que os terriveis cavalleiros da Ironia demoliram?... Onde estaes vós para estarmos ao vosso lado?... Que é preciso fazer?... Fallae! Fallae!...

*
* *

Mas os terriveis cavalleiros da Ironia, os terriveis demolidores de ha dez e vinte annos falliram todos, ou quasi todos!...

E eis-nos, uma geração de homens de trinta annos, que trabalhámos, estudámos, sempre animados do mais profundo amor da patria, ao abandono, sem um chefe, sem um guia, sem um Messias—escravisados e tyrannisados, hoje, no momento do perigo nacional, no momento em que a patria póde desaparecer d'um dia para o outro em furias de revolução desordenada—escravisados e tyrannisados por este balôfo e conselheiral triumvirato dos srs. Lopo, Hintze e Arroyo!

Ao pensar em tal, sinto que uma golfada de sangue me sóbe ás faces e á garganta — de vergonha e odio...

Ai! terriveis cavalleiros da Ironia! Para que haveis assim de nos acordar para a vida e para a lucta, se a vossa philosophia vos ensinava que a morte seria fatal!...

Talvez não!

A França precisou de cahir em Sédan, para afinal se libertar da bambochata napoleonica!...

Mariano Pina.